

Vaniucha De Moraes

Received: 10 December 2019 Accepted: 4 January 2020 Published: 15 January 2020

Abstract

By analyzing the conditions of production of the biographical and memorialistic records of the Brazilian journalistic elite that occurred between the dictatorial period and the years of redemocratization it was possible to enlighten structuring characteristics of the professional journalistic market, its hierarchical structure, internal conflicts, forms of legitimation and constitutive elements of professional identity. This paper presents part of an original research on the Brazilian journalistic elite. Through this investigation, it was possible to identify the spheres of activity and consecration of journalists - notably, the press, politics, literature and the university - and the transposition of journalists to the State, either as occupants of elective positions in the legislative power, or in the public servants career in statutory positions of public universities, a phenomenon that resulted in the increase of the production of memory and history in the scientific field. This process is personified here by the exemplary cases of Ana Arruda Callado, Bernardo Kucinski and Fernando Gabeira.

Index terms— journalistic elite; biographies and memoirs; sociology of elites; history of the press; sociology of culture.

Jornalistas Em Direção Às Instituições (1970-2010) Vaniucha De Moraes

Resumo-A análise das condições de produção dos registros biográficos e memorialísticos da elite jornalística brasileira que se consolidou entre o período ditatorial e os anos de redemocratização evidenciam características estruturantes do mercado profissional jornalístico, sua estrutura hierárquica, conflitos internos, formas de legitimação e elementos constitutivos da identidade profissional. Esta argumentação apresenta parte de uma pesquisa original sobre a elite jornalística brasileira. Por meio dessa investigação pode-se identificar as esferas de atuação e consagração dos jornalistas -notadamente, a imprensa, a política, a literatura e a universidade -e a transposição de jornalistas para o Estado, seja na condição de ocupantes de cargos eletivos situados no poder legislativo, seja como servidores públicos de carreira em cargos estatutários de universidades, fenômeno que se desdobrou no aumento da produção de memória e história no campo científico. Esse processo é personificado aqui pelos casos exemplares de Ana Arruda Callado, Bernardo Kucinski e Fernando Gabeira.

Palavras-chaves: elite jornalística; biografias e memórias; sociologia das elites; história da imprensa; sociologia da cultura.

Abstract-By analyzing the conditions of production of the biographical and memorialistic records of the Brazilian journalistic elite that occurred between the dictatorial period and the years of redemocratization it was possible to enlighten structuring characteristics of the professional journalistic market, its hierarchical structure, internal conflicts, forms of legitimation and constitutive elements of professional identity. This paper presents part of an original research on the Brazilian journalistic elite. Through this investigation, it was possible to identify the spheres of activity and consecration of journalists -notably, the press, politics, literature and the university -and the transposition of journalists to the State, either as occupants of elective positions in the legislative power, or in the public servants career in statutory positions of public universities, a phenomenon that resulted in the increase of the production of memory and history in the scientific field. This process is personified here by the exemplary cases of Ana Arruda Callado, Bernardo Kucinski and Fernando Gabeira.

Keywords: journalistic elite; biographies and memoirs; sociology of elites; history of the press; sociology of culture.

I.

1 Introdução

entre a segunda metade do século passado e as duas primeiras décadas do século 21 assistiu-se, na produção cultural brasileira, a uma profusão de registros biográficos e memorialísticos de jornalistas. Nessas reminiscências jornalísticas havia em comum a exaltação de uma certa identidade profissional, a do jornalista que conjuga o seu ofício na imprensa com incursões na literatura e na política. Entretanto, essa identidade romântica se contrapunha ao perfil do jornalista que se consolidava, esse mais técnico e associado à atividade de produção da informação. Portanto, havia uma contradição entre os jornalistas retratados e os jornalistas que circulavam no mercado de trabalho.

Esse descompasso da identidade jornalística expressada nas fontes históricas e memorialísticas ensejou uma pesquisa sobre as condições de produção de livros, memórias, biografias, obras literárias, entrevistas e depoimentos para trabalhos acadêmicos. A análise do contexto da produção das referidas fontes constitui, nesse trabalho, uma investigação acerca do contexto de publicação, as origens das iniciativas, os modelos textuais adotados, as autorias, as editoras de origem e os elementos identificadores das trajetórias pessoais e profissionais. Tais dados são importantes pois possibilitam a reconstrução das determinações sociais da existência dos agentes e expressam os padrões de organização, os conflitos hierárquicos e a lógica de funcionamento do grupo social em questão (Miceli, 2001).

O presente artigo traz a lume um fragmento de uma pesquisa maior a respeito dos registros biográficos e memorialísticos de membros da elite jornalística. Pode-se dizer que os membros da elite jornalística ascendem a posições de prestígio circunscritas a quatro esferas de atividade: a modernização da imprensa, a literatura, a política e a universidade. Pode-se dizer, ainda, que tais âmbitos de atuação traduzem o modelo de profissional postulado da elite jornalística brasileira que tiveram suas carreiras consolidadas entre o período de ditadura militar e os anos pós-redemocratização. Dentre as descobertas dessa investigação destaca-se que a elite jornalística é constituída por aqueles profissionais monumentalizados pela historiografia da profissão. Somado a isso, foi por meio de registros de histórias de vida que os jornalistas conseguiram atestar a existência social entre os mais notáveis da profissão.

nas biografias e na historiografia especializada. Ao perfazerem um modelo de jornalista a ser exaltado e reproduzido pelas próximas gerações, os registros biográficos e memorialísticos evidenciam engajamento nos conflitos que envolvem a edificação de uma história da profissão de jornalista. Por mais que remontem ao passado dos indivíduos é ao presente que dizem respeito.

O estudo realizado também revelou a existência de registros biográficos difusos pelas quatro esferas de atividade citadas, porém, evidenciou-se uma concentração da produção no meio universitário nas últimas décadas concomitante ao amplo processo de profissionalização dos ofícios culturais e à redemocratização no Brasil. Em outras palavras, pode-se inferir que as universidades se tornaram o locus privilegiado da produção da história e memória do jornalismo. Assim, pode-se levantar a hipótese da associação entre esse acontecimento e a consolidação da pesquisa no Brasil, o que ensinaria outras pesquisas. Por enquanto, trataremos de ilustrar o processo pela análise da origem e da trajetória social de três jornalistas de renome e visibilidade: Fernando Gabeira, Bernardo Kucinski e Ana Arruda Callado. Eles exemplificam profissionais para os quais o trabalho na imprensa foi o caminho intermediário entre a militância política e as instituições públicas. Também exemplificam a atuação em diferentes segmentações do Estado, uma vez que alguns se dirigiram para cargos do poder legislativo, deputados federais eleitos por voto popular, enquanto outros ingressaram no serviço público em cargos estatutários de universidades (autarquias federais e estaduais). A orientação de jornalistas para o Estado também representa uma transformação nos padrões de ascensão à elite profissional.

2 II.

3 Origens e Trajetórias Sociais

Nas entrelinhas das histórias de vida tratadas na produção biográfica e memorialística da elite jornalística fazem-se presentes as origens e trajetórias sociais de seus membros, as quais nos permitem entrever informações importantes sobre a estrutura do grupo social formado pelos jornalistas. Os itinerários de Fernando Gabeira, Bernardo Kucinski e Ana Arruda Callado, tomados aqui como casos exemplares de membros da elite profissional, ilustram aspectos importantes das transformações ocorridas e ainda em curso nessa fração da produção cultural.

Gabeira, Kucinski e Callado são jornalistas reconhecidos e suas trajetórias profissionais constam de páginas da historiografia do jornalismo brasileiro. Autores de livros, ocupantes de cargos públicos, políticos, fornecedores de entrevistas para trabalhos acadêmicos e para instituições de pesquisa e de preservação da memória, esses jornalistas são considerados ao mesmo tempo autores e personagens da história do jornalismo. A visibilidade que detêm ultrapassa o reconhecimento entre os pares e se expande pelas esferas literária, política e universitária seja como docente, seja como fonte e objeto de pesquisa.

Os três jornalistas em questão se estabeleceram na profissão em centros urbanos. (União Democrática Nacional), partido liberal de oposição a Getúlio Vargas. Portanto, a política não era indiferente para esses futuros jornalistas.

A figura materna, por sua vez, evoca a formação escolar no âmbito doméstico já que as mães desses jornalistas não tiveram uma vida profissional. Como levam a crer as memórias dos jornalistas, a vida dessas mulheres foi eclipsada pela sociedade em que viviam. A mãe de Ana Arruda Callado Heloísa Araújo, formou-se professora

107 primária no chamado curso normal. Teve formação em pintura com Antônio Parreiras e piano com a renomada
108 Magdalena Tagliaferro no Rio de Janeiro e tinha a pretensão de ser pianista antes de se casar aos vinte anos e
109 então dedicar-se apenas à numerosa prole composta por quinze filhos (Ana Arruda era a décima segunda) (Golin,
110 1999, p. 85; Abreu, Rocha, 2006, p. 17; Briso, Siqueira, 2008). Izabel Nagle Gabeiraera ex-aluna de um famoso
111 colégio de freiras da região mineira, o Stella Matutina. Pelo que consta dos registros memorialísticos do filho
112 jornalista, a casa dos pais é lembrada pelo piano da mãe na sala e pelos quadros pintados por ela, dispostos nas
113 paredes (Gabeira, 2012, p. 12). Quanto a Kucinski, em suas memórias ele não cita o nome da mãe mas faz
114 constar que ela chegou ao Brasil após a vinda de Meir com o filho primogênito no colo. Posteriormente, após
115 a ocupação da Polônia pelos nazistas a partir de 1939, sua mãe perdeu definitivamente o contato com os pais e
116 irmãos. Somente depois tomou conhecimento de que quase todos haviam sido mortos, à exceção de um primo e
117 uma tia de Kucinski. Desde então a mãe de Kucinski tornou-se uma pessoa nervosa e infeliz, o que não a impedia
118 de ajudar a cultivar o hábito de leitura do filho pois, regularmente, uma vez por semana, ia buscar dois livros na
119 biblioteca infantil municipal Monteiro Lobato, conforme recorda Bernardo Kucinski. Nesses relatos é perceptível
120 o vínculo das figuras maternas com a educação escolar, seja auxiliando com base na formação como professora
121 primária, seja introduzindo os filhos em leituras infanto-juvenis.

122 Filhos de famílias de classe média, esses jornalistas tiveram incentivo das famílias e receberam uma educação
123 esmerada. Em entrevista concedida a esta pesquisa, quando indagado sobre sua formação intelectual, Kucinski
124 relatou que a família exerceu principalmente o papel de "estimular e facilitar a leitura". Ele se recorda sobretudo
125 do pai e dos comentários políticos à mesa que influíram no "sentimento dominante na família de valorização do
126 pensamento crítico e da literatura". De acordo com o próprio jornalista, sua formação intelectual foi "humanista",
127 por influência paterna, bem como constituída por "leituras de literatura engajada e militância em movimentos
128 políticos". Ana Arruda recebeu educação doméstica, ou seja, fez o primário em casa. Nesses anos de formação
129 inicial, o meio familiar foi crucial para internalização da cultura escolar e erudita pois "todo mundo era estudioso,
130 lia-se muito, trocava-se muito, havia um ambiente propício" (Kucinski entrou aos 7 anos para o grupo escolar
131 Frontino Guimarães no Alto de Santana, atualmente uma região nobre do distrito de Santana, zona norte de
132 São Paulo. Nessa época, os Kucinski viviam apartados na comunidade judaica uma vez que não eram religiosos
133 e prescindiam da comida kosher e da sinagoga, comuns no bairro judeu no Bom Retiro. Quando Kucinski
134 completou 9 anos, a família mudou-se para a Avenida Tucuruvi onde o pai abriu uma loja de roupas próxima
135 a outros estabelecimentos de comerciantes judeus. Nesse período ele começou a ter maior convivência com
136 crianças judias, mas não apenas, também interagia com crianças não judias de diversas nacionalidades: espanhóis,
137 portugueses, italianos. Para o menino, que se dividia entre a escola e os pequenos afazeres solicitados pelo pai,
138 como visitar clientes e cobrar dívidas, o entretenimento se restringia ao cinema e aos livros que a mãe trazia da
139 biblioteca municipal, em geral livros de aventura voltados para o público infanto-juvenil. Kucinski conta que o
140 convívio social se enriqueceu quando os membros do movimento sionista socialista Dror chegaram à região onde
141 morava. Naquela época os jovens judeus da localidade até então não possuíam vida social ou identidade cultural.
142 Por iniciativa do movimento sionista socialista -do qual o pai de Kucinski era membro -foi fundada, no bairro
143 Bom Retiro, a Escola Renascença, instituição judaica não religiosa onde Bernardo Kucinski cursou o ginásio.
144 Entre as disciplinas, uma hora diária de aprendizado de hebraico. A partir de então, passou a ter uma "vida
145 social intensa" e a projetar um futuro que seria construído em um Kibutz no Estado de Israel, conforme relata
146 em suas memórias.

147 Bastaram três ou quatro anos de vida social intensa na tnuá, das reuniões semanais, os passeios, as machanot
148 e a doutrinação política para que o projeto de fazer aliá se tornasse a determinante de todas as decisões de vida.
149 A decisão de estudar em escola técnica para ter um ofício, em vez de seguir o caminho tradicional dos jovens
150 judeus de virarem médicos e doutores. Enquanto outros pais se preocupavam e faziam de tudo para dissuadir
151 seus filhos, meus pais se orgulhavam de eles virarem pioneiros (chalutzim). Assim era meu pai, zichrono lebrachá
152 (bendita seja sua memória) 4 Bernardo Kucinski entrou aos doze anos para o Dror (ou tnuá, como os próprios
153 membros denominavam a organização juvenil sionista socialista). A socialização com outras crianças descendentes
154 de imigrantes judeus fixou um marco temporal relativo ao pertencimento a uma etnia e uma ideologia. A
155 participação na organização gerou um sentimento de importância entre os membros ou, como define Kucinski,
156 "no movimento todos éramos maiores do que nós mesmos, acreditávamos em coisas, éramos mais bonitos, mais
157 importantes" .

158 4 5

159 . Para Kucinski, a tnuá o socializou, "incutiu valores e o desejo nada modesto de ter uma visão de mundo,
160 a famosa Weltanschauung exerceu função formativa dominante, acima da escola, da família, da vizinhança" 6 .
161 Na entrevista a mim concedida, Kucinski relata que o convívio com a militância jovem sionista socialista no
162 período dos 12 aos 19 anosteve, em sua formação, um papel superior ao da escola, considerada "muito fraca". Em
163 contraposição, na organização pôde ter acesso aos conhecimentos trazidos pelos fundadores da tnuá no Brasil,
164 "alguns deles nascidos e educados parcialmente na Europa". Desses conhecimentos, Kucinski reteve "a elaboração
165 teórica, o humanismo e abordagem não maniqueísta da política. Cultivávamos a literatura não conformista.

166 Éramos estimulados a debater e a produzir jornais" 7 . O curso preparatório para a vida no Kibutz teve papel
167 fundamental na formação e definiu o perfil intelectual de Kucinski. Segundo ele próprio, parte relevante das
168 leituras da adolescência foram indicações do movimento sionista e tinham forte carga ideológica socialista.

169 A formação inicial de Kucinski está sobretudo calcada em uma literatura militante, que significou para ele
170 um importante ferramental para o projeto de viver em um kibutz. Porém esse projeto não se concretizou. Ao
171 chegar em Israel teve suas expectativas frustradas pois descobriu que o ideal de coletividade ora aprendido era
172 questionado pela nova geração de israelenses e percebeu que naquele momento "mais judeus abandonavam Israel
173 do que iam para lá" 8 Year 2020

174 5 Volume XX Issue XV Version I (A)

175 devido ao adoecimento da mãe, e não voltou mais. Em Israel, ele e seus amigos perceberam que os descendentes dos
176 primeiros colonos dos kibutz ridicularizavam os projetos socialistas dos judeus brasileiros e viam como estupidez
177 o desperdício da chance de obtenção de um diploma universitário. A experiência frustrada havia ensinado o valor
178 do diploma. Em consequência dessa "passagem traumática", após o seu retorno ao Brasil, prestou vestibular e
179 foi aprovado para o curso de Física na Universidade de São Paulo, graduação que concluiu em 1968.

180 Enquanto estudante do curso de Física da USP (Universidade de São Paulo), Kucinski trabalhou como
181 desenhista-projetista em uma indústria de aparelhos eletrônicos. Nessa época ele se aproximou do movimento
182 estudantil e do jornalismo. Como registra em suas memórias, "após o golpe [civil-militar de 1964], passamos a
183 viver o clima de engajamento total do estudante na atividade política. A universidade tornou-se laboratório de
184 propostas insurrecionais e doutrinas políticas, cada grupo portando um modelo e um teorema para revolução
185 brasileira" 9 Para a jornalista, o período universitário também foi um momento rico de experiências culturais e
186 políticas. Ela menciona que o curso não era dos melhores apesar de ter tido aulas com Danton Jobim e Vitor
187 Nunes Leal, dois grandes nomes do jornalismo carioca. O aprendizado do ofício, de fato, se deu apenas pela
188 prática. Segundo ela, aprendeu de tudo no curso de jornalismo, menos jornalismo. Por isso, o valor . Fez
189 parte daquele que é considerado o primeiro jornal contra a ditadura militar, denominado Amanhã, uma iniciativa
190 do grêmio da Faculdade de Filosofia da universidade paulista. Contudo, anteriormente já havia tido alguma
191 experiência na produção de jornais e murais dentro do movimento sionista-socialista.

192 Assim como Kucinski, Gabeira e Callado se vincularam à militância política no período escolar e por meio
193 dela ingressaram no jornalismo. Gabeira conta em suas memórias que foi secretário-geral da Organização dos
194 Estudantes Secundaristas e organizava greves e piquetes contra o aumento da passagem do bonde e da anuidade
195 escolar. Nesse período foi fisgado para o jornalismo por Fernando Zerlotini, o editor-chefe do semanário Binômio,
196 um jornal de "oposição a todos os governos, nacional, estaduais e municipais", que o convidou para trabalhar no
197 jornal onde estreou na profissão. Por sua vez, Ana Arruda começou a militar na Ação Católica quando cursava
198 o Científico no Colégio de Aplicação. Segundo ela, tratava-se de "um movimento de esquerda dentro da Igreja".
199 Nele ela deu seus primeiros passos rumo ao jornalismo ao integrar-se à redação de Roteiro da Juventude em 1952,
200 jornal vinculado à militância católica e esse período é relembado como de intensa socialização.

201 dos tempos de faculdade advém dos laços de sociabilidade estabelecidos no curso da Universidade do Brasil
202 e da participação, naquele momento, da efervescência cultural e política. Lá conheceu Mary Ventura, futura
203 esposa do jornalista e escritor Zuenir Ventura, de quem também se tornaria amiga. Nesse período ainda militava
204 na Ação Católica que logo se tornaria AP (Ação Popular), organização rival do Partido Comunista, que então
205 dominava o diretório acadêmico e influenciava grande parcela dos jovens. Sobre o contexto da época, a jornalista
206 relata:

207 Nós sabíamos que as posições de esquerda é que eram as boas, mas nos sentíamos impedidos de nos aliar ao
208 pessoal do PC. Foi daí, aliás que nasceu a AP, desse nosso drama, do desespero das pessoas, que criaram sua
209 própria organização. Mas naquele tempo a briga era essa, JUC [Juventude Universitária Católica] e PC. Eu,
210 participava, estava ali, firme, mas ainda não tinha definições políticas muito claras, ia conforme o tema. Agora,
211 que eu gostava muito era da parte cultural. Por exemplo, cineclube: que maravilha! O cineclube da UME [União
212 Metropolitana dos Estudantes], essas coisas é que realmente que encantavam no tempo da faculdade. E também
213 descobri uma literatura mais politizada. Desde o colégio eu tinha descoberto a chamada grande literatura, mas
214 só então comecei a ler livros políticos. A faculdade foi um tempo muito, muito bom. Aprendi de tudo no curso
215 de jornalismo, menos jornalismo? (A rede de relações constituída na militância política e no meio estudantil
216 propiciou o ingresso de muitos jornalistas na profissão. É o que também aconteceu com Bernardo Kucinski que
217 conta em suas memórias que o início de fato no ofício de jornalista se deu por um "acaso" auxiliado pelo "pouco
218 brilhantismo" na área de Física como recorda em entrevista a essa pesquisa. No jornal alternativo Amanhã
219 estreitou laços com Raimundo Pereira que no final dos anos 60 o indicou para a revista Veja.

220 O entrelaçamento entre jornalismo e política, ou ainda, jornalismo e arte militante, não é algo restrito a
221 essas trajetórias em tela, mas parte constitutiva do contexto brasileiro e ocidental nas décadas de 1960 e 1970.
222 No Brasil, a efervescência artística, intelectual e política dessas décadas não surgiu ao acaso, resultou de um
223 processo crescente de difusão do ideário nacional-desenvolvimentista cujos primórdios remontam às décadas de
224 1920 e 1930 quando segmentos intelectuais passaram a reivindicar a posição de agentes emancipadores do povo
225 brasileiro. O papel político que parcela significativa da elite intelectual brasileira acreditava possuir consistia
226 em "ajudar o povo a tomar consciência de sua vocação revolucionária e demonstrar, enquanto ideólogos, que o
227 desenvolvimento econômico, a emancipação das classes populares e a independência nacional eram três aspectos
228 de um mesmo processo de libertação" (Pécaut, 1990, p. 15). Segundo Pécaut, a exaltação do nacional e do
229 popular foi um sentimento difundido em vários setores sociais, não sendo absolutamente "apanágio de uma
230 minoria ávida de transformar o seu saber em poder" (1990, p. 180). Intelectuais de prestígio, artistas marginais,

231 repórteres, professores e estudantes situados em diversas posições na hierarquia da produção cultural comungavam
232 de um mesmo imaginário social. Como definiu Ridenti, preponderava no período um sentimento de brasilidade
233 românticorevolucionária que perpassava a maior parte das obras e influenciou as lutas políticas e culturais dos
234 anos 60 e 70 "do embate da esquerda armada às manifestações político-culturais na música popular, no cinema,
235 no teatro, nas artes plásticas e a na literatura" (Ridenti, 2014, p. 8). Uma síntese do ideário que alinhou todo
236 esse conjunto de produções foi apresentada por Ridenti.

237 As obras buscam no passado uma cultura popular autêntica para construir uma nova nação, ao mesmo tempo
238 moderna e desalienada. Deixam transparecer certa evocação de liberdade no sentido de utopia romântica do povo-
239 nação, regenerador e redentor da humanidade. Revelam a emoção e a solidariedade dos autores com o sofrimento
240 do próximo, a denúncia das condições de vida subumanas nas grandes cidades e, sobretudo, no campo. Enfoca-se
241 especialmente o drama dos retirantes nordestinos. A questão do latifúndio e da reforma agrária é recorrente, em
242 geral associada à conclamação ao povo brasileiro para realizar sua revolução, em sintonia com a luta dos povos
243 pobres da América Latina e do Terceiro Mundo (Ridenti, 2005, p. 87).

244 Entretanto, a efervescência cultural e política dos anos 60 foi interceptada pela instauração de um governo
245 ditatorial após o golpe civil-militar em março de 1964. A ditadura militar comprometeu a produção cultural,
246 especialmente após a promulgação do AI-5, Ato Institucional número 5, que instaurou a censura prévia às
247 produções artísticas e aos meios de comunicação 10 Entre 1958 e 1962, Ana Arruda A repressão perpetrada
248 pelo regime militar impactou vidas e a produção cultural. A imprensa sofreu censura e projetos modernizadores
249 da Indústria Cultural foram comprometidos como por exemplo o Jornal do Brasil, símbolo de um jornalismo
250 comprometido com a cultura. Cumpre ressaltar que oJornal doBrasilé uma referência na historiografia da
251 imprensa brasileira no que concerne à modernização. A menção no currículo de atuação naquele jornal constitui
252 uma insígnia de notoriedade. Gabeira também atuou no Jornal do Brasil. Em seus relatos biográficos escreve
253 que sempre ambicionou trabalhar naquele jornal. A primeira tentativa foi em 1950, primeira vez em que morou
254 no Rio de Janeiro. Nesse período foi copy desk no Diário da Noite, então dirigido por Alberto Dines. Após
255 essa primeira experiência retornou a Minas Gerais e trabalhou no jornal Última Hora, na revista Alterosa e no
256 Correio de Minas, primeiro jornal no qual ocupou a posição de chefe de reportagem. Em 1964, na iminência
257 do golpe civil-militar se sentiu impelido a voltar ao Rio de Janeiro pois sentia estar "longe do lugar onde as
258 coisas estavam acontecendo" (Gabeira, 2012). Através do contato que já tinha estabelecido com Alberto Dines,
259 então diretor do Jornal do Brasil, ingressou finalmente nesse jornal. Foi copy desk, redator de pauta e diretor do
260 departamento de pesquisas, responsável pelo treinamento de estagiários e editor de Cadernos de Jornalismo. Em
261 um momento de intensa agitação política e cultural, Gabeira participou de um curso de jornalismo no País de
262 Gales pela Thompson Foundation na condição de bolsista. Em contato com colegas do curso vindos do continente
263 africano ressurgiu um impulso latente de "buscar na história do mundo o sentido da vida, de cravar as unhas nas
264 bordas do abismo do vazio pronunciando a palavra revolução" (2012, p. 47). Gabeira relembra que o livro Os
265 condenados da Terrade Frantz Fanonfoi decisivo para sua radicalização no sentido de conduzir a "legitimação da
266 violência dos oprimidos" (2012, p. 32). O caso de Fernando Gabeira é emblemático do processo de radicalização
267 política.

268 Em Nos livros publicados por Ana Arruda Callado sobressaem-se trabalhos resultantes de pesquisa científica
269 e os temas da área de estudos feministas. Ela foi coordenadora da revista Estudos Feministas, publicada pela
270 Editora Fundação Ford, em 1995, e se especializou em diversos perfis femininos 11 . Pode-se dizer que a carreira
271 literária de Ana Arruda foi tributária de sua atuação na esfera universitária, uma vez que foi a partir dela que
272 passou a produzir trabalhos de maior fôlego. Porém ela também escreveu obras sobre o escritor e esposo Antônio
273 Callado, como a biografia Antônio Callado (2015), para a Editora Imprensa Year 2020

274 Volume XX Issue XV Version I (A)

275 Oficial 12 . Por seu prestígio como profissional da cultura tomou posse na Academia Carioca de Letras em
276 junho de 2016. Por sua vez, Bernardo Kucinski é autor de vários livros, muitos deles resultantes de pesquisas,
277 seja na condição de jornalista 13 , seja como pesquisador 14 No que se refere à política, Ana Arruda . As
278 trajetórias dos jornalistas em questão são atravessadas pela política e pela literatura, como evidenciado nos
279 parágrafos anteriores. Essas convergências são previsíveis uma vez que são constitutivas do campo jornalístico
280 e condicionaram a percepção clássica sobre a imagem do profissional de imprensa. Por isso a identidade do
281 jornalista que se cristalizou no imaginário social é aquela na qual se mesclam o intelectual, o escritor e o militante
282 político.

283 Desde a denominada a Velha República (1989-1930) a imprensa reúne escritores, acadêmicos e políticos.
284 Figuras notáveis da história brasileira ingressaram na carreira pública utilizando a imprensa como caminho, tais
285 como Rui Barbosa e Quintino Bocaiúva. Nela, aspirantes a escritor alargavam o seu horizonte de possibilidades.
286 Podiam estabelecer vários contatos, divulgar seus trabalhos e conquistar visibilidade junto ao público leitor.
287 Através da inserção na imprensa, intelectuais e escritores podiam inclusive conquistar um espaço na política pois
288 "os jornais representavam um dos principais espaços nos quais era possível reconverter uma formação acadêmica ou
289 literária e cultural em atuação política" (Petrarca, 2007, p. 70). Na prática até metade do século 20 o jornalismo
290 serviu como ponto de partida ou como caminho intermediário para literatura ou para ascensão política.

291 Concernentemente à relação do jornalismo com a literatura, é possível afirmar que até a primeira metade
292 do século 20 os jornais funcionavam como uma instância fundamental de divulgação das obras literárias e de
293 construção de reconhecimento social dos escritores" (Ribeiro, 2003, p. 148) pois através dos folhetins 16 A

294 própria linguagem literária adotada pelos jornais no século 19 fortalecia o vínculo entre as funções do jornalista e
295 do escritor. No Brasil, a influência do jornalismo francês vigorou até a primeira metade do século 20. Para Ribeiro,
296 o modelo francês adotado garantia uma proximidade com a técnica de escrita literária e por isso os gêneros mais
297 valorizados nos jornais eram os mais livres e opinativos, como a crônica, o artigo polêmico e o de fundo (Ribeiro,
298 2003, p. 148). No entanto, essa característica do jornalismo brasileiro começa a mudar a partir do processo de
299 modernização da imprensa, que consistiu na adoção da linguagem e de técnicas do jornalismo norteamericano.
300 A partir dos anos 50 ocorreu na imprensa brasileira o que a historiografia convencionou classificar como "grande
301 reforma gráfica e editorial" que abarcou o público tomava conhecimento dos trabalhos dos escritores. A imprensa
302 era, portanto, um veículo de difusão dos trabalhos e uma espécie de "vitrine" para os escritores em fase de
303 profissionalização. Escritores importantes da literatura brasileira trabalharam em jornais, como Machado de
304 Assis (revisor e colaborador do Correio Mercantil em 1859), José de Alencar (redator-chefe do Diário do Rio de
305 Janeiro em 1856) e Raul Pompéia (colaborador na Gazeta de Notícias em 1894). De acordo com Miceli, pode-se
306 afirmar que a consolidação da imprensa moderna no Brasil -que ensejou a criação de grandes jornais e revistas
307 -deu margem ao surgimento dos primeiros intelectuais profissionais (Miceli, 2001, p. 197).

308 mudanças na forma e no conteúdo. Quanto à forma, saíram de cena os textos compostos por uma linguagem
309 rebuscada e seccionados em colunas por fios verticais e surgiram a fotografia e a ordenação hierárquica de assuntos
310 conforme o valor jornalístico. Quanto ao conteúdo, surgiu um novo conceito de notícia (Bahia, 2009, p. 378). Foi
311 adota uma linguagem jornalística moderna, influenciada por técnicas inspiradas no jornalismo norte-americano,
312 tais como: o lead e a pirâmide invertida 17 Durante o período compreendido do suicídio de Getúlio Vargas em
313 1954 até o golpe civil-militar em 1964 o discurso de oposição difundido pela imprensa especialmente por meio
314 dos editoriais -se ancorava na ideia de que os jornais desempenhavam a função de formadores da opinião pública
315 e cabia aos jornalistas a função de formar seus leitores e induzi-los a se tornarem atores políticos do momento
316 histórico em que que propunham uma maneira objetiva de estruturar o texto. Atendendo à mesma lógica de
317 objetividade e dinamicidade de trabalho, começaram a ser priorizados o uso da linguagem referencial, as frases
318 na ordem direta e a supressão de adjetivos e expressões subjetivas com o intuito de garantir a imparcialidade da
319 notícia. Em seguida, as novas normas de produção foram reunidas em manuais de estilo que em breve tomaram
320 conta das redações. Novos padrões gráficos e editoriais também foram adotados dando aos jornais um aspecto de
321 modernidade decorrente das inovações gráficas adotadas. Trata-se do começo da profissionalização do jornalismo
322 sobre a qual será tratado mais adiante.

323 No que se refere à intersecção entre as esferas jornalística e política, esta não se restringe ao período ditatorial
324 brasileiro mas é elemento estruturante na história do desenvolvimento da imprensa ocidental, portanto, não se
325 restringe às fronteiras nacionais brasileiras. Durante os séculos 18 e 19 os jornais eram espaços que aglutinavam
326 escritores, intelectuais, políticos e funcionavam como tribunas para debates. Somente com o desenvolvimento
327 da imprensa moderna pautada pela difusão de fatos, e não opiniões, que os jornais começaram a ser enxergados
328 como produto e não mais como armas em lutas políticas.

329 Entretanto, no Brasil o papel da imprensa como instrumento político se manteve até a segunda metade do
330 século 20. A simbiose entre a imprensa e o jogo político se estende até a década de 1960 ainda que a modernização
331 estivesse em plena implementação desde a década de 1950, efetuando um processo de incorporação dos critérios
332 de objetividade e imparcialidade na forma de produzir jornais. 17 O primeiro parágrafo responderia as perguntas
333 fundamentais: Quem? Fez o que? Quando? Onde? Como? Por quê? O texto era composto para conter
334 as informações mais importantes primeiro de modo que os últimos parágrafos pudessem ser dispensados em
335 uma eventual edição. viviam (Barbosa, 2007, p. 180 (Ridenti, 2007; 2005). Era uma mescla de sentimentos
336 e circunstâncias que estimularam as gerações de artistas, intelectuais e jornalistas às ações políticas. Porém
337 a relação entre jornalismo e política remonta à Era Vargas sendo que o próprio processo de regulamentação e
338 profissionalização teve início naquele período. Diferentemente do que ocorreu em muitos países europeus e na
339 América do Norte, a profissionalização do jornalista no Brasil foi impulsionada pelo Estado e por instâncias da
340 esfera política. Nos países desenvolvidos, as iniciativas de profissionalização partiram do próprio grupo profissional
341 que promoveu a criação de entidades de classe e cursos de formação superior além de atuar autonomamente no
342 desenvolvimento de códigos deontológicos. Houve a emergência de um sentido de autoridade profissional ancorada
343 na consolidação de saberes e técnicas próprias que concedeu ao grupo profissional o monopólio do saber e o
344 domínio sobre o modus operandi da produção jornalística (Traquina, 2005, p. 92). Pode-se dizer que o processo
345 de profissionalização do jornalista ocorrido no Brasil reserva algumas semelhanças quanto à criação de sindicatos,
346 congressos e de cursos superiores, contudo, no caso brasileiro a especificidade consiste na participação do Estado
347 como catalizador do corporativismo. De acordo com Lopes, "o contexto político-social da regulação da profissão
348 foi caracterizado por uma crescente valorização do corporativismo e do engendramento público em questões antes
349 tidas como privadas" (Lopes, 2012, p. 48). Nos anos 30 foram criadas as principais entidades de classe como o
350 Sindicato dos Jornalistas Year 2020

351 **6 Volume XX Issue XV Version I (A)**

352 do Rio de Janeiro (1935) e o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo (1938). Também foram efetivadas as primeiras
353 iniciativas para o desenvolvimento de cursos superiores de jornalismo. A primeira legislação da profissão ocorreu
354 por meio de um decreto editado pelo governo varguista em 30 de novembro de 1938 e já previa a criação de cursos
355 superiores. Pode-se destacar que esta primeira legislação recebeu amplo apoio dos sindicatos dos jornalistas de

356 São Paulo, do Rio de Janeiro e da ABI. A Associação Brasileira de Imprensa criada em 1908, já postulava a ideia
357 da necessidade da formação superior desde o seu primeiro congresso em 1918. Porém, a primeira iniciativa nesse
358 sentido foi a escola de jornalismo instaurada na Universidade do Distrito Federal em 1935. Em 1943, o governo
359 de Getúlio Vargas por meio de um decreto criou o curso de jornalismo a ser ministrado na Faculdade Nacional de
360 Filosofia da então Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro), porém este só começou a
361 funcionar de fato em 1948. Efetivamente o primeiro curso superior de jornalismo foi o resultado de uma proposta
362 oriunda da iniciativa privada. A Fundação Cásper Líbero, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica
363 Paulista, foi pioneira na criação do primeiro curso superior de jornalismo do país (Lopes, 2012) no qual contou
364 com as principais entidades de classe.

365 De acordo com o que precede, o processo de profissionalização do jornalista brasileiro os âmbitos técnico,
366 político e acadêmico estiveram imbricados. Para Petrarca, no Brasil a regulamentação das profissões e a exigência
367 do diploma de formação acadêmica voltaram-se não somente para a reserva de espaços, mas constituíram-se
368 como recursos fundamentais para atuar na esfera política (Petrarca, 2010, p. 82). A ditadura varguista tinha o
369 objetivo de conformar a sociedade e os atores que desempenhavam atividades profissionais. Esse projeto incluía a
370 regulamentação das profissões, a criação de leis trabalhistas e legislação sindical (idem, 2010, p. 85). Uma outra
371 ditadura, desta vez a militar, realizou uma nova interferência na profissão que marcou a experiência pessoal e
372 profissional dos jornalistas em análise. O golpe de Estado civil-militar ocorrido em abril de 1964 e o seu gradativo
373 recrudescimento com a promulgação do AI-5 impôs a censura prévia aos meios de comunicação. Esta série de
374 acontecimentos impactou carreiras que se encontravam em plena ascensão. Muitos jornalistas foram demitidos ou
375 pediram demissão em função da perda de liberdades, outros foram perseguidos, presos e torturados ou caíram na
376 clandestinidade por integrarem movimentos sociais clandestinos. Outros, porém, optaram por militar na imprensa
377 alternativa durante a década de 1970 e, ao partirem por esse caminho, encontraram uma forma de projeção na
378 militância política através dos jornais. Além disso, com a aprovação do Decreto-Lei n. 972 em 1969 18 Entretanto,
379 a segunda metade do século 20 também significou para outros ofícios culturais um período de profissionalização
380 e regulamentação. Contraditoriamente, na década de 1970, aqueles que tiveram suas aspirações frustradas pelo
381 golpe civilmilitar de 1964 conseguiram se colocar no mercado graças à chamada "modernização autoritária"
382 empreendida pelo regime militar ajudada pelos avanços na industrialização e urbanização da sociedade brasileira
383 iniciada na década de 1950, cujos resultados eram perceptíveis na segunda metade do século 20. Dessa maneira,
384 intelectuais, artistas e jornalistas foram cooptados pela Indústria Cultural e pelo Estadoautoritário a partir dos
385 anos 70. Dá-se então uma situação de ambiguidade. Ao mesmo tempo em que o Estado censurava, reprimia e
386 exterminava seus que estabeleceu o diploma em jornalismo como obrigatório para o exercício da profissão, uma
387 série de transformações no mercado resultaram em desdobramentos que foram sentidos duas décadas depois.

388 A regulamentação da profissão e a exigência do diploma em jornalismo para o exercício profissional repercutiu
389 diretamente na configuração do mercado devido à chegada de uma nova geração de jornalistas portadores de
390 diploma que originou um conflito geracional por posições de maior autonomia e autoridade. Esse conflito -cujo
391 auge pode ser datado nos anos 80 e 90 -fez com que o campo jornalístico cindisse em dois grupos distintos:
392 os "antigos" e "novos" jornalistas. Os "antigos" jornalistas definem-se pela valorização do autodidatismo, pela
393 experiência prática adquirida nas redações e pelo posicionamento crítico em relação às instâncias de poder,
394 especialmente no que se refere à luta contra a censura durante a ditadura civil-militar. Os novos jornalistas são
395 vistos pelos mais experientes como tecnocratas e acrílicos. A tensão se estabeleceu pela contraposição de dois
396 capitais simbólicos distintos, um deles identificado com a trajetória profissional e o outro associado à titulação
397 universitária (Bergamo, 2011). 18 A definição jurídica da profissão de jornalista se formalizou em 1969. O
398 Decreto-Lei n. 972, de 17 de outubro de 1969, assinado pela Junta Militar e o ministro do Trabalho e Previdência
399 Social, dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista. E o Decreto-Lei 65.912, pelo Artigo 15, explícita e
400 complementa a regulamentação. É nessa legislação autoritária que se consagra a reserva de mercado para quem é
401 portador de diploma de jornalismo, uma providência que até a Constituinte de 1987 dividiu os profissionais numa
402 polêmica que só teve fim com a Constituição de 1988. Por ela, o diploma de jornalismo é a condição para se obter
403 o registro profissional, como a previa a legislação de 1969 (Bahia, 2009, p. 413). Somente em 2009 o Supremo
404 Tribunal Federal (STF) suspenderia o Decreto-Lei n. 972 que exigia o diploma de curso superior de jornalismo
405 para o exercício da profissão. Pode se acrescentar que o investimento na criação de cursos de jornalismo remonta
406 à década de 1940, a partir do momento em que o então presidente Getúlio Vargas criou o curso de jornalismo
407 por meio do Decreto n. 5.480, de 13 de maio de 1943.

408 opositores ele também incentivava a modernização dos setores da cultura e comunicação dando subsídios às
409 empresas privadas e atribuindo espaço dentro da ordem aos profissionais da cultura. Nesse contexto, foram
410 implementados incentivos às emissoras de TV, ao mercado editorial, às indústrias fonográfica e cinematográfica.
411 Poder-se-ia afirmar que nos anos 70 se consolidou no Brasil uma Indústria Cultural propriamente dita. No
412 âmbito estatal há um amplo processo de cooptação estimulada pela criação da Embratel, do Ministério das
413 Comunicações e de instituições de fomento à cultura como a Embrafilme, o Instituto Nacional do Livro, o Serviço
414 Nacional do Teatro, a Fundação Nacional de Artes (Funarte) e o Conselho Nacional de Cultura. No âmbito das
415 universidades, através dos incentivos em ciência e tecnologia foram desenvolvidos os sistemas de pósgraduação e
416 apoio à pesquisa através dos quais os críticos ao regime puderam realizar projetos com relativa liberdade. Segundo
417 Ridenti, a ambiguidade constitutiva da modernização autoritária resultou em um processo de acomodação dos
418 setores de oposição que contribuiu de certa forma para a longevidade do regime militar (Ridenti, 2001; 2005).

419 A profissionalização do jornalista, do escritor, do intelectual de carreira na figura do pesquisador docente e a
420 legalização da atividade política com a redemocratização repercutiram na identidade tradicional do jornalista na
421 qual se confluíam esses ofícios. O resultado para muitos dos membros da elite profissional foi a despolitização
422 como se pode perceber no tratamento dado às novas gerações egressas das universidades nos anos 80 e 90. Essa
423 percepção resta visível nos comentários dos jornalistas.

424 A vida profissional dentro da academia não deixou lembranças boas em Callado apesar de a ter avaliado
425 positivamente em 1994. "Em 74 pedi demissão (do Jornal do Brasil), perdi contato com jornal. Hoje o meu gosto
426 é realmente pelo texto mais acadêmico. Participo da redação da revista Estudos Feministas editada pelo CIEC
427 (Coordenação Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos) [...]", porém na mesma entrevista ela menciona que
428 não teve "prazer na universidade como tive no jornal, não tive nem mesmo na enciclopédia. Acho que a academia
429 é mais hipócrita" (Callado apud Golin, p. 117). Na entrevista concedida ao CPDOC ela explica o motivo de ter
430 desistido de dar aulas.

431 Tive a sensação de que não adiantava, de que tudo o que eu tentasse passar, tudo o que eu experimentasse
432 com os alunos, ia ficar muito leve diante do fascínio deles pelas máquinas. Dar aula, para mim, é mais do que
433 transmitir um ou outro conhecimento; é transmitir experiência e é despertar no aluno aquela vontade de saber
434 mais. Quando o aluno vira para você e diz "ah, mas isso eu vou saber na internet", "ah, não, pelo amor de Deus,
435 Machado de Assis não, não é, Ana?", tenho a sensação de que as pessoas não querem aprender, não. Elas querem
436 uma fórmula mágica, que lhes ensine a, automaticamente, chegar à redação e fabricar uma notícia [?] isso me dá
437 um certo desânimo (Callado apud Golin, 1999, p. 49) (grifos nossos). Do depoimento de Ana Arruda pode-se
438 destacar as menções à experiência e ao escritor e também jornalista Machado de Assis. Essas referências remontam
439 à identidade profissional tradicional ou clássica, onde há o intercâmbio com a literatura. Tal ressentimento sobre
440 a universidade, motivo de abandono da docência, pode ser conferido também nos depoimentos de Kucinski. Em
441 entrevista concedida a esta pesquisa Kucinski descreveu as razões pelas quais abandonou o jornalismo, a política
442 e a docência.

443 Abandonei o jornalismo em boa hora. Na hora de sua decadência. Abandonei a militância política em boa
444 hora: na hora de sua decadência. Abandonei o ensino do jornalismo por avaliar que as novas gerações não
445 estavam motivadas pelo tipo de jornalismo que eu poderia ensinar. Hoje me considero e me proclamo ficcionista.
446 Profissão: escritor (entrevista à autora) 19 III. Análise das Condições de Produção . Apesar da desilusão diante
447 das transformações na profissão de jornalista, existe uma história da imprensa em construção e em debate. É a ela
448 que muitos dos membros da elite profissional se dedicam na atualidade, seja como personagem, seja como escritor.
449 Gabeira, Kucinski e Callado desempenham esses papéis e estão sujeitos aos conflitos em torno da construção de
450 uma memória e uma história coletivas, como veremos na próxima seção.

451 Os registros biográficos e memorialísticos realizados em profusão nas últimas décadas do século anterior e
452 nas primeiras décadas do século 21 na forma de livros de memórias, biografias, trabalhos científicos, entrevistas
453 concedidas à instituições de pesquisa e documentação, entidades de classe e fundações voltadas para preservação
454 da história e da memória da profissão, apresentam determinadas características significativas a respeito da
455 estrutura e das transformações no mercado profissional jornalístico.

456 Os registros biográficos de jornalistas têm em comum o resgate da história individual e profissional entrelaçada
457 à história das revistas e jornais reconhecidos pela historiografia do jornalismo, a exemplo de Jornalistas e
458 revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa (1991, 2003) Entretanto como a história está em constante
459 construção e as memórias são passíveis de sofrer influência do contexto em que são mobilizadas, os registros
460 dos jornalistas em questão expressam o conflito em torno da memória e da história da profissão. O que é isso
461 companheiro? (1979), de Fernando Gabeira, é um exemplo.

462 A princípio poder-se-ia conjecturar que o sequestro no embaixador Elbrik seria o marco temporal, uma vez
463 que estabelece um antes e depois na trajetória de Fernando Gabeira. O episódio foi descrito em detalhes no
464 primeiro livro do jornalista O que é isso companheiro? de 1979, retratado no cinema por Bruno Barreto no filme
465 homônimo em 1997, e inúmeras vezes revisitado em entrevistas, artigos, livros. É compreensível que assim seja,
466 pois o sequestro seguido pela prisão e exílio foram responsáveis pela construção da imagem pública do jornalista,
467 exmilitante e escritor. Entretanto, Gabeira empreende um esforço narrativo em demarcar o exílio como real
468 marco temporal de sua trajetória pois foi nele que se reorientou ideológica e politicamente.

469 Durante a temporada em que o ex-militante e exilado político residiu na Suécia despontava no horizonte
470 dos movimentos sociais europeus a causa ambientalista consubstanciada por novas perspectivas calcadas na
471 alimentação saudável, combate ao uso de agrotóxicos, preservação da saúde humana e do meio ambiente. A
472 percepção desse movimento ensejou uma reorientação política e ideológica, como relata Gabeira.

473 Sem que me desse conta, estava se iniciando uma grande transformação na minha vida. Não posso precisar
474 sua gênese nem estabelecer uma rigorosa cronologia (?) Eu já duvidava daquilo que apresentávamos como uma
475 alternativa ao reformismo radical: a luta armada (?) Olhando-me no espelho, vi que eu parecia um viúvo
476 que tinha perdido a esposa de muitos anos e, inconscientemente, parara no tempo. Usava cabelos compridos,
477 bigodes, fumava cigarros de fumo negro, Gauloises, e ainda vestia roupas que ganhara de presente pelo caminho
478 (?) Embora eu não soubesse precisamente o que fazer com as novas ideias no Brasil, elas me libertavam da
479 expectativa de uma remotíssima revolução e abriam o caminho para aprofundar a democracia. Nenhum desses
480 temas sozinho tinha condições de substituir a luta de classes, articulando todos os outros. O único que tratava
481 diretamente de como produzir e consumir era a ecologia (Gabeira, 2012, pp. 108-111).

482 Certamente, o impacto maior de O que é isso companheiro? foi a influência no chamado "embate pelo controle
483 da memória traumática" (Wainberg, 2010) uma vez que o livro se propunha a desmontar certos dogmas da
484 esquerda como se pode perceber pelo seguinte excerto da edição do livro publicado pela Companhia das Letras
485 em 2009 na qual o jornalista discorre sobre o quão a guerrilha se destituíra de qualquer intelectualidade à medida
486 em que se militarizava.

487 A questão central era a de que uma estrutura como aquela, fatalmente, em caso de chegar ao poder, iria entrar
488 em conflito com os intelectuais, pois estava localizada num campo em que dificilmente poderia captar e estimular
489 a riqueza da produção intelectual num país como o Brasil. Entrar em conflito ainda é um pouco de eufemismo.
490 O poder, quando entra em conflito, de um modo geral parte para a repressão. E quem mais dedicado à repressão
491 intelectual do que o intelectual que se nega? Quem mais capaz do que ele para orientar os seus inimigos? O
492 assustador naquele período de exaltação do militarismo foi o quanto andamos perto de uma visão muito rígida
493 e burocratizante, incapaz de libertar não apenas as forças culturais dos setores onde atuávamos, mas incapaz de
494 inclusive liberar nossa própria potencialidade (Gabeira, 2009, p.134).

495 Quando o livro foi adaptado para o cinema em 1997 por Bruno Barreto novas polêmicas foram suscitadas
496 pois alguns críticos acusaram a adaptação de suavizar a repressão militar enquanto infantilizava a figura dos
497 militantes. Nessa celeuma o que estava em jogo era a contestação do enquadramento da recordação direcionada
498 às novas gerações empreendidas por certas interpretações disseminadas pela produção cultural que envolviam
499 eventos dolorosos e a reputação de alguns envolvidos (Wainberg, 2010). Os desdobramentos das duas obras
500 (livro e adaptação cinematográfica) evidenciam uma disputa envolvendo dois grupos antagonísticos remanescentes
501 da militância de esquerda. O embate se dá pela construção da memória e o controle sobre o passado, o presente
502 e o futuro (Kushnir, 2000). No meio do conflito entre os ex-militantes ainda aferrados às antigas convicções e os
503 revisionistas, Fernando Gabeira construiu seu discurso calcado no revisionismo das posturas adotadas e apontou
504 para uma terceira via calçada na militância ambientalista.

505 A profusão das produções em torno da história e memória da imprensa, especialmente nos anos 1990 e 2000
506 não foi ao acaso, mas o desdobramento de um conflito em torno da definição da memória da profissão. Por
507 consequência, alguns profissionais foram erigidos à condição de porta-vozes, guardiães da memória coletiva e
508 mantenedores da identidade profissional. Há, portanto, uma relação intrínseca entre os relatos biográficos e
509 memorialísticos e suas condições de produção.

510 O historiador Michel Pollak sublinha que memória e identidade estão presentes em conflitos intergrupais
511 diversos. Nas disputas para o estabelecimento e manutenção da memória e identidade coletivas há esforços
512 constantes nos trabalhos de enquadramento da memória.

513 O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode
514 sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não
515 apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente
516 o passado em função dos combates do presente e do futuro (Pollak, 1989, p. 3).

517 Os embates que serviram como pano de fundo para o registro e publicação dos relatos em foco se associam a
518 um contexto de redefinição da identidade jornalística. As biografias, memórias e trabalhos acadêmicos do período
519 referido se destinavam à edificação simbólica do modelo de jornalista a ser reproduzido e cultuado, aquele que
520 conjuga a atividade na imprensa com incursões pela literatura e pela militância política. Callado e Kucinski na
521 condição de pesquisadores docentes de universidades produziram trabalhos sobre história da imprensa nos quais
522 se tornaram ao mesmo tempo personagens e artífices dessa história. É emblemático dessa linhagem de produções
523 Jornalistas e Revolucionários no qual jornalista paulistano conta a história da imprensa alternativa através de seus
524 protagonistas. Gradualmente, a partir da consolidação de programas de pós-graduação que concederam novos
525 espaços de progressão na carreira para jornalistas, o locus privilegiado da produção da historiografia da imprensa
526 migrou da esfera política para a esfera universitária. A jornalista e professora Ana Arruda Callado é exemplar
527 dessa transposição já que foi uma das precursoras no exercício da profissão munida de um diploma e pelo relevante
528 número de depoimentos dados por ela para pesquisas científicas e projetos memoriais 20 20 Repórteres pioneiras:
529 resgate da trajetória de três jornalistas através da História Oral (tese de doutorado) de Alex Criado, ECA-USP,
530 São

531 7 Considerações Finais

532 São considerados membros da elite jornalística aqueles que obtiveram êxito em quatro esferas de atuação em
533 particular: a modernização da imprensa, a política, a literatura e a universidade. Portanto, depreende-se desses
534 registros que a ascensão da elite jornalística se dá de forma circunscrita a esses âmbitos. Em outras palavras,
535 poder-se-ia dizer que o caminho percorrido por esses profissionais ocorreu em uma espécie de circuito fechado
536 que lhes garantiu em última instância o pertencimento a uma elite profissional.

537 O registro de narrativas de histórias de vida desempenhou um papel de importância fundamental para a
538 consolidação dos denominados grandes nomes da imprensa nacional. No transcorrer das décadas de 1990 e 2000
539 houve um aumento gradual das produções culturais calçadas nas reminiscências de antigos jornalistas e suas
540 trajetórias pessoais e profissionais. No mercado editorial, em produções cinematográficas e no âmbito acadêmico
541 cresceu o número de pesquisas sobre a história de jornalistas que se destacaram na carreira a partir da segunda
542 metade do século 20, especialmente aqueles que conquistaram visibilidade nas décadas de 1960 e 1970.

543 Os profissionais coligidos somente puderam se sobressair entre tantos outros porque foram selecionados para

544 monumentalização por especialistas responsáveis pelo enquadramento da memória. Isto é, os profissionais
545 retratados podem ser considerados membros da elite jornalística porque seus nomes e trajetórias foram
546 monumentalizados pela historiografia da imprensa. Nesse sentido, os registros das reminiscências e histórias
547 de vida foram cruciais pois com eles os jornalistas empreenderam iniciativas de simbolização e legitimação com
548 as quais puderam atestar sua existência material, política e intelectual dentro do restrito panteão de notáveis
549 jornalistas brasileiros.

550 A análise dos registros memoriais jornalísticos evidenciou o processo de profissionalização dos agentes, uma
551 vez que entre as décadas de 1960 e 2000, jornalistas, escritores, políticos e intelectuais encontraram um cenário
552 profícuo para o estabelecimento de carreiras. Com isso pode-se inferir que o aumento da produção memorialística
553 foi o resultado da migração de muitos jornalistas para a carreira acadêmica em função da consolidação de
554 programas de pós-graduação em Comunicação Social a partir dos anos 1970. Assim, se poderia inferir que o
555 aumento no número de cursos de pós-graduação e o ingresso de jornalistas nas universidades na condição Paulo
556 (2000); Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil (artigo) de Ana Carolina Escosteguy e Márcia
557 Rejane Messa (Contemporânea, vol. 4, nº 2, dez 2006); Intelectuais feministas na imprensa brasileira (artigo) de
558 Alice Mitika Koshiyama (Anpuh, 2007).

559 de pesquisadores e professores resultou em um impacto maior no mercado profissional jornalístico do que
560 propriamente a exigência do diploma para o exercício da profissão entre 1969 e 2009. Isso porque o fortalecimento
561 dos cursos de graduação e pósgraduação não apenas propiciou novas oportunidades de carreira, como criou
562 uma nova e importante instância de consagração responsável pelo registro da história da imprensa e de seus
563 profissionais.

564 Entre as instâncias de consagração, as universidades destacam-se uma vez que parcela significativa da histori-
565 ografia da imprensa recente partiu de trabalhos de pesquisa realizados por pesquisadores vinculados a programas
566 de pós-graduação e instituições de pesquisa. Considerando que o espaço de atuação docente foi constituído
567 por muitos jornalistas militantes é possível levantar a hipótese de que as universidades são atualmente o locus
568 privilegiado na produção de história e memória da imprensa em detrimento das esferas política, literária e
jornalística. Porém, essa é uma indagação que enseja outra investigação. 1 2 3 4 5 6 7 8

Figure 1:

Figure 2: 2

569

¹© 2020 Global Journals

²Jornalistas Em Direção Às Instituições

³Entrevista concedida por Kucinski, Bernardo. Entrevistadora Vaniucha de Moraes. A entrevista na íntegra encontra-se no Anexo E da tese A Elite dos jornalistas brasileiros: estratégias de legitimação e simbolização entre o período ditatorial e os anos pósredemocratização (2017).⁵ Kucinski, 2009. ⁶ idem, 2009. ⁷ Kucinski, 2009. ⁸ idem, 2009. . Pouco tempo depois retornou ao Brasil, © 2020 Global Journals

⁴ibidem, 2009.

⁵O Ato Institucional número 5, em 13 de dezembro de 1968, fechou o Congresso Nacional, determinou a censura a toda e qualquer manifestação de pensamento, impôs o controle total dos meios de comunicação de massa através da censura prévia, sujeitando jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão, livros, cinema, teatro, música, discos e todas as formas de expressão do pensamento, suspendeu as prerrogativas da magistratura e o direito de habeas corpus para crimes de natureza política. © 2020 Global Journals

⁶Jenny, Amazona, Valkíria e Vitória-régia (1996), sobre a escritora Jenny Pimentel de Borba; Dona Maria José: retrato de uma cidadã brasileira (1995), sobre Maria José Barbosa Lima; Darcy, a outra face de Vargas (2011), sobre a primeira-dama Darcy Vargas; e as biografias da poeta e jornalista Adalgisa Nery (1999) e da artista plástica Maria Martins, uma biografia (2004).

⁷Histórias publicadas periodicamente e de forma sequenciada nos jornais entre o final do século 19 e início do século 20.

⁸Entrevista concedida por KUCINSKI, Bernardo [jun 2015]. Entrevistadora Vaniucha de Moraes. A entrevista na íntegra encontra-se no Anexo E desta tese. © 2020 Global Journals

Santo Amaro e depois no Colégio de Aplicação da então Universidade do Brasil. O primeiro considerado "bastante fraco" e o segundo "um colégio que vivia o seu melhor momento" (Callado apud Abreu, Rocha, 2006, p. 19). No Colégio de Aplicação, a partir de 1952, então com 15 anos, cursou o chamado Científico. Era uma boa aluna em matemática e por isso tanto seu pai como sua professora acreditavam que seguiria carreira na área de exatas. A escolha pelo curso de jornalismo frustrou o pai e a professora mas Ana Arruda explica que "tinha uma curiosidade universal" que a levou ao jornalismo (1999, p. 95). Quando se aproximou da conclusão do curso ginasial e ela se orientou para o jornalismo. Da época, recorda que o pai lhe disse "horrorizado: 'Minha filhinha, jornalismo!? Jornalista é quem não dá para mais nada...'. A advertência do pai não surtiu o efeito esperado e Ana Arruda ingressou, em 1955, antes de completar 18 anos, no curso de jornalismo da FNF, Faculdade Nacional de

Recorda-se que o pai sempre lhe ofertava livros como

São Francisco de Assis para Crianças, História do

Mundo Para Crianças, Emília no país da Gramática, os

dois últimos da coleção infantil de Lobato. Não

satisfeita em ler apenas os livros infantis, Ana Arruda

também lia, escondida, as histórias em quadrinhos de

X-9, proibidas para meninas por serem muito

"violentas" (Callado apud Golin, 1999, p. 91) e os livros

da biblioteca do pai. O segredo de Arruda foi

descoberto pelo pai que, "muito satisfeito", percebeu

que a filha tinha lido toda a sua coleção de Machado de

Assis (1999, p. 91). A jornalista conta que o pai

Figure 4:

. A reação contra a censura e as arbitrariedades do estado desencadeou a proliferação dos jornais contestadores à ordem autoritária nos anos 70 e que posteriormente seriam reunidos sob o emblema de "imprensa alternativa", cujo registro histórico seria levado a cabo por alguns dos jornalistas presentes neste estudo. Nesse contexto, Bernardo Kucinski, Fernando Gabeira e Ana Arruda tiveram uma carreira bem sucedida em jornais da grande imprensa concomitantemente às experiências na imprensa alternativa. Year 2020 Volume XX Issue XV Version I

(A)

Callado se

destacou por ter diploma em jornalismo enquanto trabalhou no Jornal do Brasil. Em 1961, foi a primeira jornalista a fazer o curso do Ciespal (Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para America Latina), no Equador, em um cenário de politização crescente. Após ser demitida com Ferreira Gullar, Sérgio Cabral e outros, por ter participado da greve dos jornalistas em 1962, foi convidada por Prudente de Moraes Neto, por sugestão de Zuenir Ventura, a integrar a equipe do Diário Carioca, em 1962. Tornou-se a primeira mulher chefe de reportagem. Entre 1962 e 1964 atuou junto com Fernando Gabeira no Panfleto de Leonel Brizola, jornal

Figure 5:

Tal como o colega, Ana Arruda Callado iniciou sua atividade docente ministrando disciplina práticas. Em meados dos anos 70, foi convidada por Armando Strozenberg para dar aulas de jornalismo no recém-inaugurado CUP (Centro Unificado Profissional Amélia Lacombe). Em seguida foi professora de jornalismo da PUC-RJ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No começo da década de 80 ingressou na UFF, Universidade Federal Fluminense, por meio de concurso público e em 1986, em novo concurso, entrou para UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde lecionou por 14 até a aposentadoria. Ambos ingressaram na docência desprovidos de titulação e foram instados a fazer mestrado e doutorado (no caso de Kucinski, apenas doutorado) para progredirem na carreira acadêmica. Uma característica comum entre eles consiste no fato de terem estreado na autoria de livros ao publicarem trabalhos originários de suas pesquisas acadêmicas. Em 1991, Kucinski conquistou o Título de doutor em Ciências da Comunicação pela USP com a tese *Jornalistas e revolucionários: a Imprensa Alternativa no Brasil (1964-1980)* que seria publicada em livro naquele ano com o título *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa* obra que ganhou edição renovada em 2003. Em 1996, Ana Arruda Callado publicou em livro o resultado de sua tese intitulada *Jenny, Amazona, Valkíria e Vitória-régia* (1996). Professores aposentados de universidades prestigiadas, Kucinski e Callado detêm títulos e prêmios nessa área. Em 2004, por exemplo, Ana Arruda Callado ganhou o Prêmio Luis Beltrão de maturidade acadêmica pela INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação). Kucinski ganhou o prêmio Jabuti com a sua tese de Livre-Docência, *Jornalismo Econômico*, publicada em livro em 1997. Mas além de intelectuais de carreira, eles são também reconhecidos como escritores. Entre a década de 80 até o final do século 20 esses três jornalistas ascendem a posições prestigiadas em instituições públicas, seja na ocupação de cargo eletivo, cargo de indicação no poder executivo, ou como servidor público de carreira em universidades públicas (autarquias federais e estaduais). Além disso, também obtiveram reconhecimento como escritores e intelectuais. A ascensão às posições

Nos anos 80 Bernardo Kucinski e Ana Arruda Callado também se orientaram para o Estado, porém, na condição de docentes e pesquisadores de universidades públicas. Em 1986 Kucinski se tornou professor assistente da disciplina *Jornal Laboratório* do curso de jornalismo da USP e diretor do *Jornal do Compus*. Em 1995 passou a ser professor associado após defender a tese de Livre-docência *O jornalismo econômico e os paradoxos da economia*. Em 2000, após concurso público, o seu enquadramento funcional evoluiu para professor titular da Escola de Comunicação e Artes da USP, cargo no qual se aposentou.

. Porém, atualmente se considera e é reconhecido como escritor, autor de vários livros como K. Relato de uma busca (Expressão Popular, 2011), Você vai voltar pra mim e outros contos (2014, Cosac Naify), Alice (2014, Rocco) e Os visitantes (2016, Companhia das Letras).

Em 2006 renunciou à função por divergências com o direcionamento do governo e suas experiências de entusiasmo e desilusão ficaram impressas em livros

15

12 Antônio Callado Fotobiografia (2013), Editora CEPE; Roteiro para adaptação da obra de Callado para história em quadrinhos: Pedro Mico, de Antônio Callado (2011) Editora Nova Fronteira (HQ com desenhos de Ney Megale.

13 Hungry For Profits: US Food & Drug Multinationals in Latin America (Idoc/EUA, 1975), com Robert J. Ledogar, publicado no Brasil pela editora Brasiliense com o título Fome de Lucros: Atuação das multinacionais de alimentos e remédios na América Latina; e o livro O Que São Multinacionais? de 1991 também publicado pela Brasiliense. Abertura, História de Uma Crise (Brasil Debates, 1982); A Ditadura da Dívida: Causas e consequências da dívida latino-americana (Brasiliense, 1987), com Sue Branford; O Fim da Ditadura Militar (Contexto, 2001).

14 Jornalistas e Revolucionários (Scritta, 1991; Edusp, 2003); Jornalismo Econômico (Edusp, 1996); A Síndrome da Antena Parabólica: Ética no Jornalismo Brasileiro (Perseu Abramo, 1998); Jornalismo na Era Virtual: Ensaio sobre o colapso da razão ética (Unesp, 2005); Diálogos da Perplexidade (Perseu Abramo, 2009), com Venício A. de Lima.

[Note: 15 Politics Transformed: Lula and the Workers Party in Brazil com Sue Branford, As cartas ácidas da Campanha de Lula de 1998(2000) e Cartas a Lula -o jornal particular do presidente e sua influência no governo do Brasil(2015).]

Figure 7:

Callado é citada como uma das responsáveis pelo jornal O Sol, um dos precursores da imprensa alternativa carioca. O depoimento da jornalista também está presente no documentário O Sol -caminhando contra o vento realizado por Tetê Moraes (ex-diagramadora do jornal) lançado em 2006. Os relatos memorialísticos de jornalistas apresentam como característica a associação entre a história individual e a história da imprensa brasileira. Isso pode ser identificado nos depoimentos de Ana Arruda Callado ao Projeto Memória do Jornalismo, criado pelo curso de jornalismo da Escola de Comunicação da UFRJ com a finalidade de registrar a experiência dos protagonistas da história da imprensa nacional, e nos depoimentos para o CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas) que resultaram em um dos capítulos do livro *Elas ocuparam as redações* (depoimentos ao CPDOC (2006), que funciona como segundo volume de duas obras que tratam de expor os resultados de uma pesquisa sobre os protagonistas da modernização da imprensa realizados pela mencionada instituição. Ainda sobre uma outra obra originada de pesquisa acadêmica e publicada em livro, no qual a jornalista descreve sua trajetória, é *Memórias de vida e criação* de Cida Golin, pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul que reuniu entrevistas com esposas de grandes escritores brasileiros. É recorrente nesses registros autobiográficos o entrelaçamento entre a história individual e a história do país, como se pode observar nos livros de autoria de Fernando A Gabeira: *O que é isso companheiro?* (1979), *Onde está tudo agora?* (2012) e *Minha vida na política* (2012) e *Democracia Tropical* (2017). É prática comum a publicação de livros nos quais são reproduzidos artigos e reportagens outrora publicados em jornais e revistas somados a relatos autobiográficos. São exemplos os livros *Diário de uma crise* (1984), *Manual dos sobreviventes* (2009) e *Navegação na Neblina* (2006), de Fernando Gabeira, e *Brasil dos Correspondentes* (2008), organizado por Jan Rocha, que conta com um relato de Bernardo Kucinski sobre sua experiência como correspondente do *The Guardian* no Brasil. Tais publicações parecem ter se inspirado na biografia de Cláudio Abramo *A regra do jogo - o jornalismo e a ética do marceneiro*, lançada em 1988, e empreendem um resgate da vida do biografado e apresentam uma compilação de textos já publicados na imprensa. São traços comuns entre esses registros biográficos a remissão à militância política e a exaltação de um padrão de jornalista. Pode-se notar essa qualidade especificamente nos depoimentos tomados por entidades de classe como o Os registros memorialísticos de Kucinski e Callado foram identificados também em instituições voltadas à preservação da memória e história militantes como o

Figure 8:

- 570 [Pollak et al. ()] , Michel Pollak , Memória , Esquecimento , Silêncio . *Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro:*
571 *FGV* 1989. 2 (3) .
- 572 [Gabeira and Que É Isso Companheiro? São ()] , Fernando Gabeira , Paulo Que É Isso Companheiro? São .
573 2009. Companhia das Letras.
- 574 [_____. Alguma Memória et al. ()] , _____. Alguma Memória , Kucinski , São Paulo . <[http://](http://kucinski.com.br/visualiza_noticia.php?id_noticia=390)
575 kucinski.com.br/visualiza_noticia.php?id_noticia=390> 2009. p. .
- 576 [()] , 10.1590/S0104-93132011000200001>Acessoem. <[http://dx.doi.org/10.1590/](http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132011000200001)
577 [S0104-93132011000200001](http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132011000200001)>Acessoem 2011. 17 p. .
- 578 [_____] () ‘Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960’. _____. *Tempo Social. São Paulo* 2005. (1) p. .
- 579 [Biografia and Gabeira ()] Fernando Biografia , Gabeira . <[http://www2.camara.leg.br/deputados/](http://www2.camara.leg.br/deputados/pesquisa/layouts_deputados_biografia?pk=74841&tipo=1)
580 [pesquisa/layouts_deputados_biografia?pk=74841&tipo=1](http://www2.camara.leg.br/deputados/pesquisa/layouts_deputados_biografia?pk=74841&tipo=1)> *Conheça dos Deputados. Câmara dos*
581 *Deputados*, 2004. p. 13.
- 582 [Bourdieu ()] Pierre Bourdieu . *Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus*, 2005. p. .
- 583 [_____] and Correstrangeiros () *como me tornei correspondente do The Guardian e outras histórias.*
584 *Kucinski. São Paulo*, _____, Correstrangeiros . <[http://kucinski.com.br/visualiza_noticia.](http://kucinski.com.br/visualiza_noticia.php?id_noticia=389)
585 [php?id_noticia=389](http://kucinski.com.br/visualiza_noticia.php?id_noticia=389)> 2007. p. .
- 586 [Petarca ()] ‘Construção do Estado, esfera política e profissionalização no jornalismo no Brasil’. Fernanda
587 Petarca . *Revista de Sociologia Política* Curitiba, v. 18, n. 35, 2010. p. .
- 588 [Kushnir ()] *Depor as armas -a travessia de Cony e a censura no Partidão. Anos 90*, Beatriz Kushnir . 2000. p.
589 . (Porto Alegre, n. 13, jul)
- 590 [Disponível em <http://memoriadojornalismo.com.br/perfis_biograficos_interna.php?id=28>. Acesso em: 21 out ()]
591 *Disponível em <http://memoriadojornalismo.com.br/perfis_biograficos_interna.php?id=28>. Acesso em:*
592 *21 out*, 2008. 2016. _____. Entrevista a Andressa de Oliveira Spata (Projeto Memória do Jornalismo/
593 UFRJ. Novembro de)
- 594 [Callado and Arruda ()] ‘Elas ocuparam as redações: depoimentos ao CPDOC’. Ana Callado , Arruda .
595 *Entrevista a Alzira Alves de Abreu e Thiago Hostenheiter*, Alzira Abreu, ; Alves, Rocha (ed.) (Dora (Org. ;
596 Rio de Janeiro) 2006. p. .
- 597 [Ridenti ()] *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*, Marcelo Ridenti . 2014.
598 São Paulo: Editora Unesp. 449.
- 599 [Barbosa ()] *História Cultural da Imprensa*, Marialva Barbosa . Brasil -1900-2000. 2007. Rio de Janeiro; Mauá
600 X. 262.
- 601 [Intelectuais e artistas brasileiros nos anos ()] *Intelectuais e artistas brasileiros nos anos, 1960*. 2007. 70 p. .
- 602 [Miceli ()] ‘Intelectuais à Brasileira’. Sérgio Miceli . *Companhia das Letras*, (São Paulo) 2001.
- 603 [Bahia ()] *Jornal, história técnica: história da imprensa brasileira, 4ª Edição*, Juarez Bahia . 2009. São Paulo.
604 445.
- 605 [Lopes and Lima ()] *Jornalista por canudo: o diploma e o curso superior na construção da identidade jornalística.*
606 *(Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da*, Fernanda
607 Lopes , Lima . 2012. Universidade Federal do Rio de Janeiro)
- 608 [Kucinski ()] *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos de Imprensa Alternativa*, Bernardo Kucinski . 2003. São
609 Paulo. p. 441. Editora da Universidade de São Paulo
- 610 [Ribeiro et al. ()] *literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. Estudos Históricos*,
611 Ana Paula Ribeiro , Goulart , Jornalismo . 2003. p. . (Rio de Janeiro)
- 612 [Bergamo and Reportagem] *Memória e História no Jornalismo Brasileiro*, Alexandre Bergamo , Reportagem .
613 (Mana [online])
- 614 [Weinberg ()] ‘O embate pelo controle da memória traumática brasileira’. Jacques Weinberg . *Intexto. Porto*
615 *Alegre: UFRGS v* 2010. 2 (23) p. .
- 616 [_____] () ‘Onde está tudo aquilo agora? Minha vida na política’. _____. *Companhia das Letras*, (São
617 Paulo) 2012.
- 618 [Pécaut ()] *Os intelectuais e a política no Brasil -entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática*, Daniel Pécaut
619 . 1990. 335.
- 620 [Kucinski (2015)] *Protagonistas dessa história. Resistir é Preciso. Instituto Vladimir Herzog*, Bernardo Kucinski
621 . <<http://resistirepreciso.org.br/>>. Acessoem 17 jan. 2015.
- 622 [_____] () *Relato de uma busca*, _____. 2014. São Paulo: Cosac Naify.
- 623 [Resistir é Preciso. Instituto Vladimir Herzog (2015)] *Resistir é Preciso. Instituto Vladimir Herzog*, <[http://](http://resistirepreciso.org.br/)
624 resistirepreciso.org.br/>. Acessoem 17 jan. 2015.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

- 625 [Arruda ()] 'revista a Carla Siqueira e Caio Barreto Briso. Centro de Cultura e Memória do Jornalismo. set'.
626 Ana Arruda , Callado . <<http://www.ccmj.org> GOLIN, Cida. *Memórias de vida e criação*, 1999. 2008. 8
627 p. . (Porto Alegre: EDIPUCRS)
- 628 [Traquina ()] 'Teorias do Jornalismo -Porque as notícias são como são'. Nelson Traquina . *Florianópolis: Insular*
629 2005. 1.